MANOEL DE SOUSA PINTO

Os Três Bordallos

(CONFERÊNCIA)

LISBOA
PEDRO BORDALLO, EDITOR
1921

Os Três Bordallos

De Manoel de Sousa Pinto

NOVELAS

O Gomil dos Noivados.
O Jardim das Mestras.
As Mãos da Vida.
Castelo do Amor.

CRÓNICAS

Á Hora do Correio.
Feminario.
Evanidade.

VIAGENS

Terra Môça (Impressões brasileiras).

CRÍTICA

O Monumento a Eça de Queiroz.
A Máscara (12 números).
Magas e Histriões.
Portugal e as Portuguesas em Tirso de Molina.
Bordallo e a Caricatura.

A Única Verdade (Drama).
Dom João de Castro (1500-1548).
O Encanto Feminino («Os Livros do Povo»).
Saudação a Rosario Pino.
Sete Danças de «La Bilbaínita».
Bailados Russos.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Desenho de J. Sargent

(Pertence a Pedro Bordallo Pinheiro)

MANOEL DE SOUSA PINTO

Os Três Bordallos

(CONFERÊNCIA)

LISBOA
PEDRO BORDALLO, EDITOR
1921

Desta conferência fêz-se uma tiragem de duzentos e cincoenta exemplares em papel especial, com seis ilustrações em separado, e marcados com a divisa do autor.

Á memoria amiga

DE

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro

OS TRÊS BORDALLOS

Minhas Senhoras!
Senhores!

Estamos aqui para comemorar Raphael Bordallo Pinheiro, nascido, na visinha Rua da Fé, a 21 de Março de 1846. Há precisamente setenta e cinco anos.

O grupo dos «Amigos-Defensores do Museu Raphael Bordallo Pinheiro», a que pertenço, delegou em mim a alta incumbência de evocar, mais uma vez, a figura do notável artista.

Preside a êsse grupo o eloquente tribuno Dr. Magalhães Lima, largamente experimentado nas lides da palavra. Cumpre-me, por conseguinte, lamentar que não seja êle quem ocupe êste logar, para, mais fácilmente do que eu, vos conquistar a atenção com o calor da sua oratória.

Melhor do que a minha enfadonha leitura, poderia também dar brilho a esta consagração o verbo fluente do meu ilustre confrade e amigo Dr. Xavier da Costa, que ainda há bem pouco, quando a 23 de Janeiro recordámos o falecimento de Bordallo, o comentou a contento geral.

A vontade dos meus colegas decidiu que fôsse eu quem hoje entoasse os louvores do mestre. A êles terá de endereçar-se a vossa queixa, pois sou, apenas, o seu mandatário. Mandatário, devo dizê-lo, para quem a ordem recebida correspondeu a um prazer: prazer de me dirigir a um tão selecto auditório, e prazer de novamente exalçar um nome que admiro.

A circunstância de ser um dos onze Amigos do Museu Bordallo não bastará para me tolher o ensejo de afirmar públicamente a minha simpatia a êsse pequeno núcleo, que, entre as dissídias egoístas do presente, se votou a uma tarefa desinteressada e carinhosa.

Situado, como sabeis, no Campo Grande, em casa construida de propósito, o Museu Raphael Bordallo Pinheiro é um exemplo de admiração bem entendida.

Sei que vou ferir, até ao rubor, a susceptível modéstia do seu fundador, aqui presente, o Sr. Artur Ernesto de Santa-Cruz Magalhães, indicando-o ao vosso reconhecimento. Que êle me perdôe esta ligeira, mas obrigatória, referência; visto não poder eximir-se ao aplauso quem, à sua

custa, organizou para os contemporâneos, e sobretudo para os vindouros, conjunto tão recomendável.

Escuso de insistir nas vantagens duma instituição como o Museu Bordallo. Muitas das publicações de Bordallo são raras. Outras atingiram preços que as sonegariam ao conhecimento de muitos. Só por facilitar a consulta e o exame dessas colecções a iniciativa seria prestimosa. Reunindo, como reune, grande número de originais, de esboços, de inéditos, de tentativas, de exemplares únicos e coisas absolutamente ignoradas, enriquecendo-se de contínuo, com dádivas e adquisições, o Museu Bordallo, que se projecta alargar com uma sala de cerâmica, é uma fonte de estudo excelente para a obra de Bordallo e para a época de Bordallo.

Ali se recolhe e mostra, carinhosamente, tudo quanto diz respeito à obra e à pessoa do artista. É dever de quantos zelam a sua memória e possuam documentos relativos a Bordallo, quer desenhados, quer escritos, cerâmicos, decorativos, noticiosos, ou de outra qualquer ordem, assegurar a sua imediata ou futura incorporação nesse museu, que, sendo já uma galeria importantíssima, pode, com a cooperação de todos, converter-se num todo impecável.

Compreendo e respeito o ciume, o egoismo, de certos coleccionadores, renitentes em não se separarem das peças

raras, que fazem o seu orgulho. Está bem que as guardem, se cuidadosamente; mas será louvável que dêem parte da sua existência, colaborando assim no inventário geral da obra de Bordallo, de que o seu museu será a base.

O título desta conferência — *Os Três Bordallos* — leva naturalmente a supor que me propus tratar de Bordallo avô, Bordallo pai e Bordallo filho: Manuel Maria Bordallo, Raphael Bordallo e Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, trindade de reais valores. Devo, por isso, avisar-vos de que não é êsse o meu intento, se bem me fôsse grato aludir à obra interessante do esquecido pintor e às faianças e caricaturas de Manuel Gustavo, bom amigo, que ainda me não conformei com haver perdido.

Feita esta declaração, cuidareis agora que, anunciando *Os Tres Bordallos*, quero ocupar-me dos três irmãos ilustres, falando das rendas de Maria Augusta, da obra de Raphael e dos quadros de Columbano, mestre de pintores, o poderoso colorista, a quem, por todas as razões, e mais duas, não poderia deixar de saudar entusiásticamente. Tambem não é êsse o meu propósito.

Os três Bordallos do meu título são um só, o Bordallo do *Antonio Maria*, o Bordallo das Caldas — Raphael Bordallo Pinheiro — encarado nas três modalidades do seu talento: o Bordallo do lápis, o Bordallo do barro, o Bordallo das decorações.

A obra do primeiro Bordallo, o caricaturista!

Verdadeiro Carnaval do lápis, sã na sua alegria galhofeira, sem peçonha e sem amargura, elegante, por vezes frívola, reflecte como um espelho a sua época, cuja doce paz, talvez excessiva, o grito da rebeldia ou o clamor da desordem só de longe a longe perturbam.

É uma obra bem humorada, numa época cheia de tolerância.

O que domina nos desenhos de Bordallo é a sua jovialidade. Em vão se buscaria nêle a nota trágica de certos humoristas. Quando se revolta, protesta ou ameaça, a sua indignação é passageira, retórica, acidental.

A caricatura de Bordallo é o bom humor, o pitoresco, que êle não deixa de buscar, e em geral de conseguir, nos momentos mais graves e solenes.

Se, talvez com excepção da fase brasileira, a silhueta feminina não fôsse na sua obra mero incidente, seria lícito colocá-lo mais perto de Gavarni do que de Daumier.

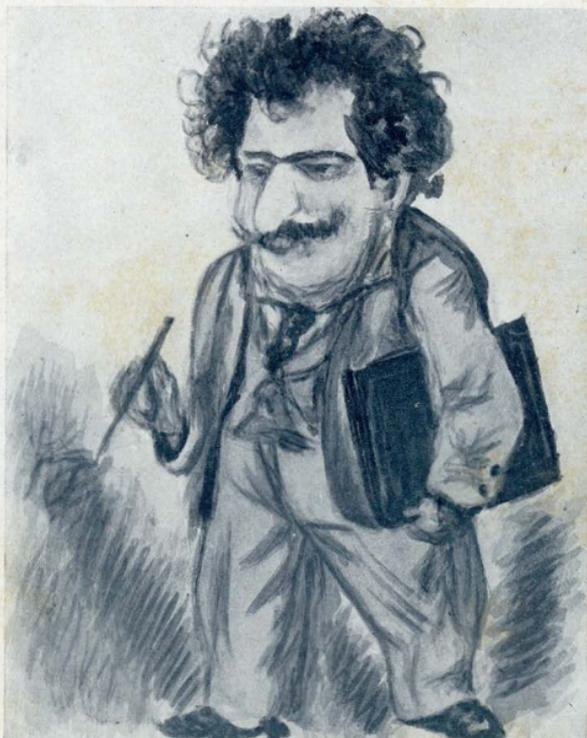
Vendo-se, «picado de génio e das bexigas», no *Album das Glorias,* Camillo não ficou lá muito contente. «Deus ainda me concedeu vista para ver a minha cara no *Album das Glorias*. Já é preciso talento criador para me fazer mais feio do que sou. O Bordallo quis assim vingar os seus amigos, remetendo-me hediondo à posteridade. De resto, bom homem».

O «bom homem» de Camillo levava água no bico. Era mais um sarcasmo do grande amargurado de Seide. Mas não há dúvida que Bordallo foi, não um bom homem, como qualquer pobre diabo, mas um bom.

A bondade era uma das suas características, pronta a manifestar-se na primeira ocasião.

A morte de algum dos seus alvejados predilectos impunha-lhe, não só o silêncio devido aos que desaparecem, mas uma imediata simpatia comovida. Não se limita a descobrir-se, a curvar-se, perante os cadáveres de Fontes ou D. Luís. Homenageia-os, celebra-os, demonstrando como o seu coração ignorava o rancor.

Era um grande supersticioso Bordallo. A morte amedrontava-o. Temia a escuridão. Tinha a fobia do crepúsculo. Ao lusco-fusco entristecia, não se sentia bem. Acendia a luz muito cedo, e perguntava ás vezes, receoso, quando o sol se escondia: Se não tornasse?

No fundo do seu fundo, talvez um melancólico, como

AUTO-CARICATURA

Feita, a bordo do *Potozi*, em Agosto de 1875

(Pertence a Pedro Bordallo Pinheiro)

a maioria dos humoristas. À superfície, porém, no convívio e na vida, um exuberante, um atraente, conversador admirável, e bem o artista da sua obra risonha, desanuviada, chistosa, como então se dizia.

São raras as páginas tristes de Bordallo. As primeiras ditou-lhas, no Brasil, a saudade da pátria. As outras pertencem ao derradeiro período da sua existência.

Já adoentado, enxundioso, respirando mal, fatigando-se ao mínimo esfôrço, Bordallo ia tendendo vagamente para o pessimismo. Continuava a gostar de rir e fazer rir, mas já não era o formoso homem cheio de alegria, que os amigos invejavam pela despreocupação.

João Chagas, seu colaborador, explicou algures essa tristeza íntima pelo facto de Bordallo, que adorava a mocidade, se não resignar a envelhecer. É verosímil a atribuïção. Nunca lhe tendo permitido o seu feitio boémio e impulsivo impor à sua arte uma disciplina de trabalho regular, compreende-se a dor do artista que via, com o avançar dos anos, minguarem as faculdades de exaltação e improviso de que o seu talento não prescindiria.

Até ao último dia, não lhe faltou, por fortuna, uma certa frescura de inspiração, que a ruina física nunca logrou empanar de todo; mas na *Parodia*, seu testamento, há páginas tocadas de melancolia e apreensão.

Aquela, por exemplo, muito conhecida e admirável,

Vinte anos depois, em que o Bordallo desempenado dos trinta anos, com o *Antonio Maria,* o seu mimalho, a sair-lhe da algibeira do casaco claro, pede lume, por favor, ao Bordallo ensobrecasacado e cincoentão do jubileu.

Nuvens que se lhe formavam no espírito, mas que a sua veia cómica transformava em aguaceiros alegres!

Bronquítico, dispneico, zombava do seu mal. Gabava-se de ter tido, na Exposição de Paris de 1900, o «*grand-prix* da tosse nacional». Ao médico de Entre-os-Rios, que lhe proíbia o tabaco, o café e o alcool, respondia: — Muito bem, Doutor. Só me dá licença de tossir!

Como caricaturista, Bordallo é um espontâneo. Começou fazendo caricaturas por brincadeira, com desgôsto do pai, que desdenhava do género e o queria dirigir para outra carreira, chegando a arranjar-lhe um logar de amanuense na Câmara dos Pares, onde era primeiro oficial de secretaria.

Não se concebe Raphael Bordallo empregado público. Não fêz caso do emprêgo. Repontou. Continuou na estúrdia.

Para dar uma satisfação ao pai, seu primeiro e único mestre, matricula-se na Academia de Belas Artes, como se matricula, por desfastio, no Curso Superior de Letras e na Escola de Arte Dramática. Para passar o tempo.

Nas exposições de 1868 a 1874, aparecem trabalhos seus, na maioria aguarelas de costumes populares, e o grande desenho *Bodas de Aldeia.*

E' pobre a sua obra de pintor. Nascera caricaturista. A caricatura estava-lhe no sangue. A arte séria não se coadunava com o seu temperamento buliçoso. E foi caricaturista, um caricaturista de raça, sem escola e sem estudos.

—« Sabe porque comecei a fazer caricaturas? » — Dizia êle a um jornalista em 1903.—«A razão é semelhante à que levou o Justino Soares a professor de dança. O Justino, a quem lhe perguntava porque tinha deixado o ofício e se tinha metido a dançarino, respondia: — «Ó menino, comecei a sentir um formigueiro nas pernas, e vai pus-me a dançar.» Ora comigo dá-se um caso idêntico: comecei a sentir um formigueiro nas mãos, e vai pus-me a fazer caricaturas...»

O caminhar acelerado do mundo nos últimos anos faz com que a obra de Bordallo tenha assumido, mais rápidamente do que em circunstâncias menos vertiginosas aconteceria, um carácter de recuo, de antiguidade, que, tornando-a em parte estranha aos novos, pelo desconhecimento de certas individualidades, empresta aos seus jornais o aspecto duma época que distasse mais de nós.

A sociedade estremeceu da cúpula aos alicerces. A caricatura, que foi durante a guerra uma das armas mais vitoriosas, mudou de rumo. Todos, ou quási todos, os títeres do teatrinho de Bordallo caducaram. O próprio *Zé*

Povinho é outro homem, desde que atirou com a albarda ao ar, na Rotunda.

Felizmente, nos desenhos de Bordallo não há que buscar só o interêsse documental, notabilíssimo. Agradam pelo valor artístico, pelo cunho decorativo, pelo achado de certas combinações, que não são de ontem, nem de anteontem, porque são de hoje, de amanhã, de sempre.

Como caricaturista, Bordallo foi um grande, um extraordinário jornalista. Poucos, em qualquer parte, o igualam na fertilidade, na retentiva, na imaginação, no bom gôsto e na flagrância. Instrumentador prodigioso de fisionomias e atitudes, não desmerece ao lado dos maiores.

Jornalista de pulso, cortejou e serviu maravilhosamente a própria essência do jornalismo gráfico ou escrito: a actualidade.

Feitos, de freqüente, à última hora, ao sabor do instante, ao acaso da notícia recente, à tôna do momento político, os seus desenhos acreditam singulares dotes de repentista.

Pecam alguns dêsses desenhos pela repetição dos motivos, pela insignificância das personagens, pela transitoriedade da scena? Talvez.

Ressentem-se outros da precipitação, da fórmula, da falta de disposição? E' possível.

Não porque no seu autor não houvesse, inquestionávelmente, um excelso poder de visão e expressão; mas porque, reduzido quási sempre aos mesquinhos acontecimentos dum pequeno país em calmaria, só de raro em raro teve ensejo de marcar, na hora que passa, a idea que fica, o gesto que prevalece.

Seria exigir demais querer que a perfeição assíduamente acompanhasse quem se prodigalizou sem reservas.

Lisboa, de que êle foi o cronista incomparável, era uma cidade demasiado modesta e pacata, para fornecer pontualmente a Bordallo assuntos dignos de Bordallo.

Há uma página carnavalesca do *Antonio Maria* que dá bem a nota da falta de assuntos com que Bordallo por vezes lutava. Representa um burro em pêlo, e intitula-se *O Assunto da Semana.*

Perseguindo a actualidade com fervor, o artista obedecia à norma dos grandes caricaturistas do seu tempo. Daumier, que morre em 1879, o ano do *Antonio Maria,* não conheceu outro evangelho. *Actualités* era o título dos seus cadernos.

Bordallo cumpria, portanto, o seu dever. Quem o não cumpria, ou o cumpria mal, era o meio que o rodeava, a Lisboa monótona de D. Luís e D. Carlos.

A sua fantasia tem de torturar-se a variar o registo da marcha da nora governativa, em que os alcatruzes pro-

gressistas e os alcatruzes regeneradores se revezam alternadamente.

Pesada a semsaboria dum ministério que entra e doutro ministério que sai, reconheçamos que só ao talento de Bordallo foi dado ser um tão divertido analista, um tão espirituoso historiador, num tão estreito âmbito.

A política, que, na série zoológica da *Parodia,* êle simbolizou num animal de chiqueiro, não lhe bastou. Não poderia bastar-lhe.

Para Bordallo, a política era, sobretudo, o assunto querido do público.

Bordallo não foi bem um político, na acepção militante da palavra. Republicano sincero, convicto, talvez um dos maiores propagandistas da República, quer em Portugal, quer no Brasil, é um caricaturista político sim, mas é um artista, um grande artista, que jámais abdica da sua máxima liberdade.

A êsse respeito, fêz êle, nos *Pontos nos ii,* categóricas declarações:

«O nosso jornal não recebeu nunca, não recebe hoje, e não tenciona receber de futuro, o santo e a senha de partido algum, desde os retrógrados que convenciam pela forca, até aos mais avançados que pretendem convencer pela dinamite.

PERFUMADOR ÁRABE EM FAIANÇA DAS CALDAS

(Pertence ao Sr. Conselheiro Julio de Vilhena)

«Nada disso, graças a Deus Nosso Senhor!...

«Se temos manifestado por uma designada feição política a nossa adesão e a nossa simpatia, é exclusivamente porque essa feição, mais do que as outras, se coaduna com o nosso modo de pensar e de sentir e sem outro compromisso que não seja o singular afecto que nos merece tudo o que é justo e tudo o que é bom.

«Mais duma vez afirmámos já êstes princípios, prestando o nosso aplauso muito sincero a quanto se nos afigura bom e justo, sem nos preocuparmos com o credo político de quem nos merece os elogios.

....

«Acima do ideal político pomos a prosperidade do nosso país — mesmo porque não compreendemos aquele sem a junção impreterível desta.»

A par do Bordallo demolidor e zombeteiro, há o Bordallo glorificante e venerador. Ninguem estimou mais o prazer de admirar. Nunca tendo atirado pedradas, soube, como poucos, coroar de loiros e cobrir de flôres.

E' considerável e brilhante a parte teatral da sua obra. Amador dramático de recursos, dizia-se um cómico falhado, e foi toda a vida um espectador constante e apaixonado.

Adorava o teatro e os actores. Pertencem às suas obras-primas, e ao livro de oiro da litografia, as estampas consagradas aos três Rosas, a Antonio Pedro, a Teodorico, a

Santos Pitorra, a Rosa Damasceno, a Taborda, a Delfina do Espírito-Santo.

Bordallo e as glórias e sucessos do palco português são inseparáveis. Uma das suas mais belas obras é constituida pelas ilustrações de *Os Teatros de Lisboa* de Julio Cesar Machado. A sua estreia de publicista foi com a estampa do *Dente da Baroneza* de Teixeira de Vasconcelos. O primeiro jornal que fundou, chamava-se *O Binoculo* e ocupava-se dos teatros e da literatura; teve só quatro números, mas o binóculo, que tantas vezes o vi manejar deleitado, ficou sendo um dos seus instrumentos de trabalho. É sua a capa da *Carteira do Artista* de Sousa Bastos, e é seu o desenho representando a sala de S. Carlos numa récita de gala.

No *Album das Glorias,* figuram Taborda, Rosa pai, Lucinda Simões, Gayarre, a Devriès. Todas as celebridades dramáticas ou líricas estranjeiras, que vieram a Lisboa, levavam de cá, para as mostrarem, as homenagens de Bordallo. Algumas, como Coquelin, ficaram seus amigos. À Duse, a Novelli, a Sarah Bernhardt, a Ernesto Rossi, a Antonio Vico, a muitas outras notabilidades da scena e do canto, dedicou páginas esplêndidas. Ainda me recordo da sua comoção apavorada na noite em que Zacconi representou os *Espectros* de Ibsen.

Quando se lhe depara assunto ou figura de feição, Bordallo não teme o confronto de ninguem. Outros dese-

nharão com mais largueza, mas nenhum dos caricaturistas seus contemporâneos ou predecessores compõe melhor.

Não lhe faltáram, por isso, propostas de grandes jornais estrangeiros para que se exilasse. Há desenhos de Bordallo em publicações espanholas, francesas e inglesas. Em 1873, esteve em Espanha como enviado especial do *Illustrated London News*, cujo proprietário quis levá-lo para Inglaterra.

Bordallo era fundamente português. A sua ternura patriótica, bem provada, acorrentava-o à terra. Amava Portugal. Não dispensaria por muito tempo a sua Lisboa, e dentro de Lisboa, o perímetro circunjacente à sua casa do Largo da Abegoaria, onde ficavam os teatros, as redacções, o Tavares das nocturnas cavaqueiras e a Havanesa das novidades. Era um homem do Chiado.

Uma única vez, logo no princípio da carreira, se decidiu a emigrar, contratado para *O Mosquito,* do Rio de Janeiro.

De Setembro de 1875 a Março de 1879, desenvolve no Brasil uma grande actividade, primeiro com *O Mosquito,* a seguir com os nove números do *Psit!...* e por fim com o *Besouro.*

O Brasil não era o estrangeiro. Ainda assim, as saudades de Lisboa, e a fraterna rivalidade que, em periódicos acessos, finge incompatibilizar os brasileiros com os portu-

gueses, trazem Bordallo para Portugal, onde, mês e meio depois do regresso, lança o *Antonio Maria*.

Preciso é notar que Bordallo continuou sendo um amigo do Brasil. Tornou lá mais tarde, para rifar a *Jarra Beethoven*, que se guarda no palácio presidencial do Cattête. As ligeiras hostilidades havidas não chegaram para o indispor com o meio brasileiro, que tornara retumbante e pleno o seu triunfo.

Todavia, é lícito supor que se, em vez de preferir o Brasil para dilatar a sua acção, tivesse escolhido Londres ou Paris, que era um centro da sua predilecção, a caricatura inglesa ou a caricatura francesa contariam um português entre os seus consagrados.

O artista, o verdadeiro artista, o criador, é um ser tão complexo e misterioso, que, não podendo subtrair-se inteiramente às influências do ambiente, para Taine decisivas, reage transformadoramente sôbre êsse ambiente. À influência do acanhado meio lisboeta sôbre Bordallo, haveria de contrapor-se a influência de Bordallo sôbre o meio português.

Bordallo, rindo, criou em Portugal muita coisa assinalável, quer como desenhista, quer como ceramista, quer como decorador. Três aspectos, ou melhor três individualidades, que o mesmo talento unifica num só homem, mas que nos dão os três Bordallos, qual dêles mais interessante, que Bordallo foi.

BUSTO DE MULHER

(Pertence ao Sr. Justino Guedes)

O jornal português de caricaturas, com publicidade regular e vida autónoma, foi obra sua. Obra e segrêdo seu, pois todos os jornais humorísticos, fundados depois, teem morrido prematuramente.

O *Antonio Maria*, os *Pontos nos ii*, a *Parodia* são três marcos na estrada da arte cómica.

Precedem-nos as tentativas, por vezes felicíssimas, de *A Berlinda, O Binoculo* e *A Lanterna Magica*.

Nessas duas trilogias, a da mocidade e a da maturação, intercala-se a outra em que já vos falei, a do Brasil, com *Mosquito*, o *Psit!...* e *O Besouro*.

Juntam-se-lhe os três álbuns: *O Calcanhar de Achilles, Phrases e Anexins da Lingua Portuguesa* e o glorioso *Album das Glorias*.

Aditam-se-lhe os três folhetos — o número três preside, como estais vendo, à bibliografia bordaliana — *Apontamentos sobre a viagem do Imperador do Rasilb* (Brasil) *pela Europa*, *M. J. ou a História de uma Empreza lirica* e *No Lazareto de Lisboa.*

Acrescentando os três anos do *Almanach de Caricaturas,* os dois do *Almanach do Antonio Maria,* os três números de *O Voto Livre,* as litografias avulsas, as ilustrações e capas de numerosos volumes e revistas, os números únicos, as homenagens, muitos programas, menus, desenhos vários, ver-se-há a justiça dos que acusavam Raphael Bor-

dallo, imaginai de quê? De preguiçoso, de indolente, de mandrião.

Foi essa uma opinião assaz corrente no tempo de Bordallo. O público, reconhecendo, afinal, inconscientemente o seu valor, parecia exigir que diáriamente lhe fornecesse pasto á admiração.

De que foi um fecundo, não deixa dúvidas a sua obra opulenta. Êsses que lhe verberavam certos hábitos de boémia, então da moda entre os artistas, só mostravam ignorar que os defeitos condicionam as qualidades, e que o talento dos criadores precisa viver mais intensamente do que a banal humanidade.

Empenhavam-se em converter Bordallo num burguês pautado, calculista, mazombo, com horas fixas de trabalho, que não estavam dentro dos costumes artísticos da época. Não esqueçamos que Bordallo vinha do romantismo. Era um sentimental. Por conseguinte, um sonhador e um desordenado; se bem não tenha havido na sua vida nenhum desequilíbrio saliente.

Casou por amor, trabalhou, viajou, riu, conversou, teve a febre amarela, partiu uma perna, e nunca soube responder não a ninguem.

Caracterizando a sua falta de senso prático, escreveu Ramalho Ortigão, um dos amigos que, depois de Julio Cesar Machado, melhor o anotou:

«Bordallo Pinheiro — eu o confesso — carece de condições que o tornem cómodamente associável numa empresa de comércio.» — Era a propósito da fábrica das Caldas. — «Genuínamente português por constituição e por temperamento, de olhos pretos, nariz grosso, cabelo crêspo, tendendo para a obesidade, êle é um sensual, um voluptuoso, um dispersivo, um desordenado. Uma das mais belas virtudes, que êle não tem, é a que consiste em vencer os impulsos da natureza. Desgraçadamente, observa-se com frequência que os homens rígidos, que mais exemplarmente triunfam das próprias paixões, não triunfam de mais nada. Fora da arte, Bordallo Pinheiro é o que própriamente se pode chamar um vencido. Meus senhores, não se pode triunfar de tudo. Diz-se ainda que Bordallo tem recebido grossas somas de dinheiro, e êste boato, por

mais hipotético que seja o seu fundamento, basta para tornar um homem antipático aos poderes públicos. A sovinice do sistema constitucional deixa-se de boa mente esbulhar por qualquer intrigante sarrafaçal do jornalismo, por qualquer charlatão da política, mas considera um escândalo insanável dar pela obra dum artista três mil e seiscentos a mais do que aquilo por que ela se poderia ter marralhado.»

Ramalho aludia assim a outro ponto da lenda que a popularidade, de braço dado com os maldizentes, inventou acêrca do artista: um Bordallo perdulário e dissipador, recebendo por obscuras vias centenas de mil réis.

Ora a verdade é que êle andou sempre mais familiarizado com a carência do que com a fartura, e morreu pobre.

Poderia ter tido que deixar, se a existência da sua fábrica houvesse decorrido menos atribulada. Receoso e avarento de lucros imediatos, o capital, retraindo-se na altura em que se tornava mais preciso, comprometeu a iniciativa larga e audaciosa.

Magnífico filão artistico, assente numa região onde as matérias primas abundam em qualidade e quantidade, a fábrica das Caldas da Rainha poderia tambem ser uma mina de rendimentos. Não o permitiram os accionistas, desinteressando-se e encolhendo-se, precisamente quando os cálculos prometiam o lucro anual duma centena de contos.

A fábrica das Caldas, de cujo futuro amplo o scepticismo rotineiro duvidou, trouxe a Bordallo nova glória, mas trouxe-lhe os primeiros cabelos brancos. Poucos entreviram, como D. Fernando ou Emygdio Navarro, o que dali se poderia tirar, quanto á beleza e quanto ao proveito. Faltou o dinheiro

A fama de Bordallo caricaturista, a lenda do Bordallo estroina, prejudicaram-no. A desconfiança sugeriu se se não trataria de mais uma fantasia do humorista, armada no ar, sem base sólida. Tão lamentável equívoco condenou a empresa a um destino precário, que os êxitos mais lisongeiros não consolidariam.

Tendo, com seu irmão, Feliciano Bordallo Pinheiro, estudado cautelosamente o plano da tentativa, Raphael Bordallo sentiu, magoado, que a maioria lhe não media o alcance. Combinara uma obra séria, pensada, segura; mas atrás dêle estava o *Antonio Maria,* e houve quem, ao inteirar-se dos propósitos do improvisado barrista, esboçasse o sorriso que costumava acolher os desenhos do caricaturista. Era o proverbial «cria fama e deita-te a dormir» recusando, a uma actividade essencialmente polimorfa, o direito de se renovar, de imprimir novo rumo à sua vela.

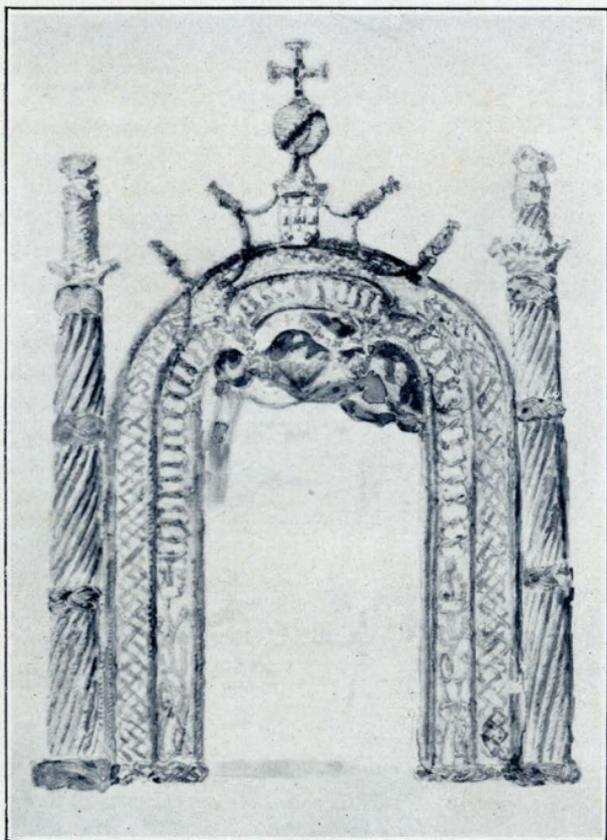
Foi um mal, um grande mal, porque Portugal podia, a estas horas, orgulhar-se dum centro olárico importantís-

simo, já para a cerâmica decorativa, já para a cerâmica industrial.

Está por fazer a história da cerâmica caldense, que, remontando, segundo os eruditos, às origens da nacionalidade, aos *olarii et tegularii* do foral de Leiria, terá, sobretudo, de preencher-se com o estudo da fábrica de Bordallo, continuada, com sacrifícios de toda a ordem, pelo mais fiel e extremoso dos seus admiradores, outro Bordallo ilustre, Manuel Gustavo, cuja recente memória de amigo querido parece estar-me incitando a prosseguir a obra de glorificação paterna, que encetámos, juntos, com a escolha dos melhores desenhos de seu pai (1).

A êsse volume devia seguir-se um segundo, consagrado ao ceramista, e para o qual me entregou alguns documentos valiosos. A doença, que durante mais dum ano o atormentou, impediu-nos de adiantar o trabalho, que as dificuldades editoriais resultantes da guerra nos haviam levado a adiar. Ainda espero, porém, ter a tristeza de o realizar sem o companheiro insubstituível e, dada a sua autoridade quanto à cerâmica caldense, quási indispensável.

---

(1) RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO. I — O CARICATURISTA. *Desenhos escolhidos por Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro. Com um estudo de Manoel de Sousa Pinto.* Livraria Ferreira, editora. Lisboa, 1915.

PROJECTO PARA O PÓRTICO DA EXPOSIÇÃO COLOMBIANA

(Do *Museu Raphael Bordallo Pinheiro*)

Em Janeiro de 1885, Bordallo resolve bruscamente enterrar o *Antonio Maria*, declarando no artigo final:

«Eu não pertenço ao ajuntamento dos jornalistas por isso que estou sósinho e não ha ajuntamentos duma pessoa; eu não pertenço ao grupo monárquico porque êste me chama revolucionário; eu não pertenço ao partido republicano porque êste me alcunha de *vendido!*

«Nestes termos, não podendo ser nem político, nem jornalista, vou fazer-me simplesmente operário — o que, afinal de contas, talvez venha a ser mais alguma coisa...»

Eis Bordallo convertido em oleiro! As suas primeiras tentativas, feitas na fábrica do Avelar, remontam a Abril de 1884. A idea da fábrica parece ter partido de Feliciano Bordallo Pinheiro, e é anterior, porque os *Estatutos da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha*, que correm impressos, teem a data de 21 de Outubro de 1883.

O que era a chamada louça das Caldas anteriormente a Bordallo? A louça da Maria dos Cacos e da família Mafra? Uma curiosa indústria tradicional, vegetando ao acaso, abastardada pela cópia de maus modêlos, limitada a uma clientela de rústicos, e desnaturalizando-se à mercê de alheias influências.

Uma que outra peça desprendia certo sabor decorativo, com as suas enguias, os seus musgos, as suas valvas. A matéria, tão rica, era, porém, mal tratada, imperfeita a

modelação, inferiores a pasta, a cozedura e o colorido, abusivamente circunscrito ao rubro das romãs-paliteiros ou ao verde das couves e das melancias: o típico verde das Caldas, a que o Judeu já aludia no século XVIII.

Cometiam-se verdadeiras barbaridades, substituindo-se o vidrado pela tinta a óleo e bronzeando-se o barro depois de cozido.

Bordallo, o segundo Bordallo, que nunca em tal pensara, acordou uma manhã ceramista. Partiu para as Caldas, e o que o barro dos louceiros saloios foi nas suas mãos cuidadas de alfacinha, terá muito que contar.

A adaptação do caricaturista à olaria, o repentino nascimento de Bordallo louceiro, foi rápida, foi maravilhoso. E' até custoso de explicar como essa sua predestinação modeladora, um tão forte instinto plasmático, puderam dormir tanto tempo, reservando-se para depois dos trinta anos.

Haverá algumas peças, assinadas por êle, em que certas fraquezas de construção, a sobrecarga e heterogenia dos motivos, o forçamento das possibilidades da argila nos levem a deplorar o serôdio despertar da sua extraordinária vocação. Absolvendo-as, quantas outras não fazem pasmar do espantoso, do inconcebível, sentido plástico dêsse aprendiz de quarenta anos, abrindo nos anais da cerâmica ornamental um capítulo seu, absolutamente à parte?

O subitâneo avatar barrista de Bordallo raia no prodígio. Era êle o primeiro a reconhecer que o seu caso se não repetiria fácilmente; que não se devia contar com o milagre para suprir as deficiências da aprendizagem. No plano primitivo da fábrica, em parte efectuado, olhava-se com atenção o problema profissional. Além do ensino primário, ministrar-se-ia a instrução técnica, de modo a preparar operários habilitados e sabedores.

Não cabe nos limites desta leitura indicar, sequer por alto, o que se fêz e o que deixou de fazer-se na fábrica das Caldas, muito bem instalada num magnífico terreno, e dotada dos aparelhos e maquinismos necessários para o largo fim que se propunha: o de produzir, não só a cerâmica de adôrno e revestimento, a jarra, o pote, o cinzeiro, o prato mural, o boneco, a bugiganga, o azulejo de painel ou de placa, mas a cerâmica industrial de uso corrente, a telha, o vasilhame de mesa, a louça ordinária, os vasos, tamboretes e figuras de jardim.

A história documentada da fábrica das Caldas, a ser feita com o amor que apetece dedicar-lhe, há-de salientar um dos aspectos melhores e menos apregoados do poliédrico talento de Bordallo. Êsse aspecto curiosíssimo, que o esplendor cómico do seu nome tem obscurecido, é o do seu nacionalismo, caracterizado pela pesquisa, aproveitamento e estilização dos motivos populares e tradicionais portugue-

ses. Ramalho Ortigão disse uma grande verdade, quando, a propósito da cerâmica bordalina, escreveu que era «um capítulo do *Folk-lore* português».

A atitude nacionalista, que muitos, após êle, blasonam de ter inventado, é fundamental em Bordallo. Desde as suas aguarelas e desenhos de costumes portugueses, os fadistas, os campinos, os vendilhões da rua, os garotos, as velhas de capote e lenço, o seu carinho pelas figuras e temas populares nunca arrefeceu. Feito ceramista, êsse carinho requinta-se e favorece o afinco com que investiga e aproveita os motivos nacionais, quer populares, quer eruditos, ressuscitando os padrões da velha azulejaria, forrageando os estilos clássicos, desenvolvendo ornatos vulgares.

A fauna nacional, de que seria desagradar-lhe não citar os seus bichanos inseparáveis, a flora do país, a ictiologia, certos motivos arcaicos, como os caracois da Batalha e o cordame manuelino, as rêdes e os encanastrados, combinam-se com as invenções de sua fantasia decoral ou humorística.

Todos recordamos os caranguejos, os ruivos, os sapos esmeraldinos, as lagostas, os mexilhões, os percêbes, as sardaniscas, as rãs, os touros, os peixes rebrilhantes, os empafiosos perus de Bordallo. Sem esquecer, é claro, as «cobras e lagartos», em que se dizia especialista.

Caricaturista tambem no barro, andam por aí as suas engraçadas figuras de engonço: o sacristão, o padre, os polícias, um visconde, a ama de leite, o forcado, a alcoviteira, o *Zé Povinho,* seu soberano, e companheiro de toda a sua obra.

Servido pela perícia miniatural, que lhe dera algumas páginas de centenas de figuras desenhadas a bico de pena, modela, a ponta de agulha, minúsculas figurinhas de cunho popular.

O Vira inspira-lhe o notável cangirão, onde uma farândola varina dança de braços erguidos, e sôbre cuja borda pousa um anjo de ásas abertas, querubim da Mouraria, tangendo a portuguesíssima guitarra.

Como essa linda peça única, que foi para a Alemanha, muitas outras Bordallo executou por encomenda ou gentileza. A quanto nome conhecido visitava a fábrica das Caldas, lhe prestava algum favor ou lhe merecia admiração, julgava-se obrigado a obsequiar com o seu talento. Lembrarei a molieresca borracha oferecida a Taborda, povoada com as scenas capitais do *Médico à fôrça,* e as molduras para os retratos de João Rosa, Brazão e Augusto Rosa, que mais uma vez proclamavam o seu amor ao teatro.

Pode dizer-se, ainda com Ramalho Ortigão, que Bordallo conseguiu «criar um novo estilo decorativo genuí-

namente nacional», de que os milhares de fôrmas existentes nas Caldas nos conservam muitos exemplos.

Bordallo na cerâmica, como na caricatura, foi a espon-pontaneidade feita arte. Era um ceramista de intuição, no qual não havia, ao menos, a aptidão consuetudinária, o treino atávico, dos oleiros populares. Não há, por isso, na sua obra em barro, essa cristalização do mister, que distingue outros mestres que levaram a vida a plasmar.

Esporádica e tardia, a actividade de Bordallo oleiro concentra-se em vinte anos, se tanto, e não chegando a fixar-se definitivamente, é um contínuo tactear, uma perene iniciação, uma permanente rebusca de formas e efeitos novos, onde as suas faculdades de improvisação e inventiva se patenteiam inquietamente.

Em Sèvres, como decerto sabeis, inutilizam-se todas as peças que a menor beliscadura, rugosidade ou falha tornem ligeiramente imperfeitas. E' o segrêdo da valorização dos seus produtos. Se nas fornadas caldenses o mesmo sistema se adoptasse, Bordallo, que era um modesto e um insatisfeito, teria, êle próprio, despedaçado a maioria das suas faianças.

Felizmente que o não fêz. As suas imperfeições e êsse carácter, para assim dizer, experimentativo, casual, de algumas peças, reforçam-lhes o encanto de ensaios. Acrescentam à sua matéria frágil uma fragilidade formal, que

FIGURINO PARA A REVISTA «FORMIGAS E FORMIGUEIROS»

(Do *Museu Raphael Bordallo Pinheiro*)

suplica aos olhos que as examinam a mesma delicadeza das mãos que as aguentam.

Bordallo é, às vezes, como um oleiro do povo, sem princípios, agradecendo ao acaso haver a peça calhado bem. Estudando, procurou suprir em anos o que só as décadas costumam dar. Informou-se da parte química e da parte térmica do seu mister. Chegou a saber do seu ofício. Mas a estupenda facilidade com que o dominou, fê-lo sempre tender para exigir do barro mais do que êle pode dar.

Permitiu-se atrevimentos inauditos. Abalançou-se a cometimentos mais que audaciosos. Ultrapassou os limites da olaria.

Tendo começado tarde, êsse novo artista, brotado de si próprio, mostra-se, na idade madura, um rapaz destemido, cuja mocidade desconhecia as balizas da prudência.

A série das suas jarras monumentais é uma progressão de aventuras. Culmina-a a máxima temeridade da Jarra Beethoven, frágil colosso do barro.

Construir, incrustar, pintar, cozer, vidrar tão imensa peça, é página única na história da cerâmica. Deslocá-la, transportá-la das Caldas para Lisboa, e embarcá-la daqui para o Rio de Janeiro, foi um problema de engenharia, resolvido por Bordallo o mais engenhosamente possível.

Se, para a solidez e equilíbrio da sua cerâmica, a demora da sua revelação foi prejudicial, a ela, à sua levian-

dade, devemos várias obras, que, se tivesse principiado cedo, talvez nunca se aventurasse a tentar. A caricatura foi a sua noiva da mocidade e acompanhou-o na vida. A cerâmica, essa, foi o perigoso, desesperante, amor do homem feito.

Trabalhou o barro durante uns escassos vinte anos, e a sua produção avultada e magnífica surpreende. Que teria sido o conjunto dessa obra com os outros vinte anos passados longe dela?

É ainda na cerâmica que tem de incluir-se a colecção dos seus trabalhos de estatuário, os bustos, como o de Eça de Queiroz, e as esculturas para as capelas do Bussaco.

Nos grupos desta interessante Vida de Cristo, Bordallo, que já modelara santinhos populares, desentranhou, do seu fundo inesgotável, uma tocante religiosidade.

Ao vê-lo tão docemente humano, tão comoventemente sofredor, ninguem dirá que o seu Cristo saíu das mãos irreverentes de um caricaturista.

Para concluir — e já é tempo — falta-me dizer do terceiro Bordallo, o decorador.

Foi essa a parte mais efêmera, mais volátil, da sua obra. Desparecidas muitas das provas do seu bom gôsto ornamental, temos de julgá-lo através de notícias, vagos apontamentos, reminiscências.

Ainda estudante do liceu, as suas primeiras afirmações no género, constaram dos trabalhos de pasta e doiraradura com que adornou a sala dum teatrinho de amadores que existia aos Anjos, o Teatro Garrett.

Como obras capitais, tenho de me limitar apenas à citação das originais instalações da sua Fábrica das Caldas, do pavilhão de Portugal na Exposição de Paris de 1889, e da admirável decoração nautica da Exposição Colombiana de Madrid, em 1892.

Decorador, Bordallo é ainda o mesmo apaixonado das coisas portuguesas. Os elementos de que, no geral, se serve são o azulejo, os lenços de Alcobaça, as chitas na-

cionais, os cabos e as boias manuelinas, as rêdes, as cangas minhotas, os cobrejões alemtejanos, as rocas e os fusos, os pampilhos e as farpas, as palmas, canastras, sogras, vimes, espátulas, bambus, instrumentos de lavoura, borrachas, etc. Mil nadas que conjuga e harmoniza realçadoramente!

Bordallo foi dos primeiros a compreender que a beleza do ambiente torna a vida mais suave; que as paredes, que nos acolhem ou defendem, nada ganham com ser feias. Desejaria aformosear a casa, a rua, a cidade, as coisas.

Havia no seu espírito privilegiado uma insaciável curiosidade por tudo, o afã de tentar, um anceio contínuo de se polarizar em novas direcções.

São conhecidas as suas experiências de gravador, as suas qualidades de ilustrador.

Como decorador, esboçou em Portugal o cartaz artístico. Deu brilho e arte a festas de caridade, exposições, banquetes, sessões solenes, espectáculos. Armou barracas graciosíssimas de quermesse. Transformou humildes bateiras da Lagoa de Óbidos em gôndolas sumptuosas de rainhas.

Outro aspecto interessante do seu decorativismo é o de vestuarista teatral — mais uma vez o teatro, um dos seus vícios!

Os seus figurinos para algumas revistas de Schwal-

bach, como o *Reino da Bôlha* e *Formigas e Formigueiros*, eram duma fantasia e graça inimitáveis.

Como em Gavarni, houve em Bordallo a devoção do Carnaval. Ficaram célebres as suas decorações de S. Carlos em terça-feira gorda: a dos Barrigas, por exemplo. Animaram o Chiado e o Pôrto os seus carros carnavalescos.

Resumindo:

Bordallo foi um homem que desenhou, modelou e enfeitou.

Houve nêle três artistas. Os três artistas que mal defini. O caricaturista. O ceramista. O decorador.

Somados, dão-nos um só criador de alegria e de beleza. A beleza que ri! A alegria que embelece! Bordallo.

Esta conferência, promovida pelo grupo dos «Amigos-Defensores do Museu Raphael Bordallo Pinheiro», foi lida pelo autor na sala da Associação dos Lojistas, de Lisboa, em 21 de Março de 1921.